

O impacto da IA no crescimento e emprego

Por Philippe Aghion; Simon Bunel; Xavier Jaravel

Valor, 04/11/2025

A próxima revolução tecnológica já está em andamento e políticas adequadas são chave nesse processo

À medida que mais empresas começam a experimentar a IA e a considerar como ela pode melhorar sua lucratividade, os debates sobre as implicações para os trabalhadores se intensificam. Nos EUA, a aparente desconexão entre as valorizações crescentes do mercado de ações e a queda no total de vagas de emprego (não-agrícolas) tem alimentado narrativas da mídia sobre a destruição de empregos impulsionada pela tecnologia.

Não passa uma semana sem que surjam novas manchetes sobre empresas que usam IA para realizar trabalhos de colarinho branco, em especial aqueles normalmente ocupados por recém-formados e por profissionais em início de carreira. Segundo um relatório publicado no início deste mês pela Comissão de Saúde, Educação, Trabalho e Pensões do Senado dos EUA, a IA e a automação podem destruir quase 100 milhões de empregos nos EUA na próxima década. Aqueles que expressam tais temores podem até mesmo citar economistas proeminentes que argumentam que a revolução da IA terá apenas efeitos moderados sobre o crescimento da produtividade, mas efeitos inequivocamente negativos sobre o emprego, devido à automação de muitas tarefas e empregos.

Discordamos de ambos os pontos. Nosso próprio trabalho recente mostra que a situação é muito mais complicada e não tão grave quanto essas narrativas pessimistas sugerem. Quando se trata do crescimento da produtividade, a IA pode operar por meio de dois canais distintos: automatizando tarefas na produção de bens e serviços e automatizando tarefas na produção de novas ideias.

Quando Erik Brynjolfsson e seus coautores examinaram o impacto da IA generativa nos agentes de atendimento ao cliente de uma empresa de software dos Estados Unidos, descobriram que a produtividade dos funcionários com acesso a um assistente de IA aumentou quase 14% no primeiro mês de uso, estabilizando-se num nível aproximadamente 25% mais alto após três meses. Outro estudo constata ganhos de produtividade igualmente fortes entre um grupo diversificado de trabalhadores do conhecimento, com os trabalhadores de menor produtividade experimentando os efeitos iniciais mais fortes, reduzindo assim a desigualdade dentro das empresas.

Passando do micro para o macro, num artigo de 2024, nós (Aghion e Bunel) consideramos duas alternativas para estimar o impacto da IA no crescimento potencial na próxima década. A primeira abordagem explora o paralelo entre a revolução da IA e as revoluções tecnológicas do passado; já a segunda segue a estrutura baseada em tarefas de Daron Acemoglu, que consideramos à luz dos dados disponíveis de estudos empíricos existentes.

Com base na primeira abordagem, estimamos que a revolução da IA deve aumentar o crescimento da produtividade agregada em 0,8-1,3 pontos percentuais por ano na próxima década. Da mesma forma, pela fórmula baseada em tarefas de Acemoglu, mas com nossa própria leitura da literatura empírica recente, estimamos que a IA deve aumentar o crescimento da produtividade agregada entre 0,07 e 1,24 p.p. por ano, com estimativa mediana de 0,68. Em comparação, Acemoglu projeta alta de só 0,07 pontos percentuais.

Além disso, nossa mediana estimada deve ser vista como um limite inferior, pois não leva em conta o potencial da IA para automatizar a produção de ideias. Por outro lado, nossas estimativas não levam em conta os possíveis obstáculos ao crescimento, principalmente a falta de concorrência em vários segmentos da cadeia de valor da IA, que já são controlados pelas empresas superestrelas da revolução digital.

E quanto às implicações da IA para o emprego em geral? Num estudo com dados de empresas francesas coletados entre 2018 e 2020, mostramos que a adoção da IA está positivamente associada a um aumento no emprego e nas vendas totais das empresas. Essa conclusão é consistente com estudos mais recentes sobre os efeitos da automação na demanda por mão de obra nas empresas e corrobora a visão de que a adoção da IA induz ganhos de produtividade, ajudando empresas a expandir o escopo de seus negócios.

Esse efeito de produtividade parece ser mais forte do que os efeitos potenciais de deslocamento da IA (em que a IA assume tarefas associadas a certos tipos de empregos e trabalhadores, reduzindo assim a demanda por mão de obra). Constatamos que o impacto da IA na demanda por mão de obra é positivo mesmo para ocupações frequentemente classificadas como vulneráveis à automação, como contabilidade, telemarketing e trabalho de secretariado. É certo que, embora certos usos da IA (como para segurança digital) levem ao crescimento do emprego, outros usos (processos administrativos) tendem a ter pequenos efeitos negativos. Mas essas diferenças parecem decorrer de diferentes usos da IA, e não de características inerentes às ocupações afetadas.

Em suma, o principal risco para os trabalhadores é que eles sejam substituídos por trabalhadores de outras empresas que usam IA, e não diretamente pela IA. É provável que diminuir o ritmo de adoção da IA seja contraproducente para o emprego doméstico, pois muitas empresas estarão competindo internacionalmente com as que adotam a IA.

Embora nossa interpretação dos dados mostre que a IA poderia impulsionar tanto crescimento quanto emprego, a concretização desse potencial exigirá reformas políticas adequadas. Por exemplo, a política de concorrência deve garantir que as empresas superestrelas que dominam segmentos superiores da cadeia de valor não sufoquem a entrada de novos inovadores. Nosso próprio estudo constata que os adotantes da IA são quase sempre muito maiores e mais produtivos do que os não-adotantes, sugerindo que aqueles que já estão no topo estão posicionados para serem os maiores vencedores da revolução da IA.

Para evitar o aumento da concentração do mercado e o poder de mercado consolidado, devemos incentivar a adoção da IA por empresas menores, o que pode ser alcançado por meio de uma combinação de política de concorrência e política industrial adequada que melhore o acesso a dados e poder de computação. Para aumentar o potencial de emprego da IA e minimizar seus efeitos negativos sobre os trabalhadores, será crucial o acesso amplo a educação de alta qualidade, juntamente com programas de treinamento e políticas ativas do mercado de trabalho.

A próxima revolução tecnológica já está em andamento. O futuro de países e economias inteiros dependerá de sua disposição e capacidade de se adaptar a ela. **(Tradução de Fabrício Calado Moreira)**

Philippe Aghion, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2025, é professor do Collège de France e da London School of Economics e associado do Centre for Economic Performance.

Simon Bunel é economista do Banque de France.

Xavier Jaravel é professor de economia na London School of Economics. Direitos autorais: Project Syndicate, 2025. www.project-syndicate.org

